



PPGDR – Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional
FIDENE-UNIJUI

Análise semanal do mercado da soja, do milho e do trigo

Comentários referentes ao período entre 12/03/2021 a 18/03/2021

Prof. Dr. Argemiro Luís Brum¹

¹ Professor Titular do PPGDR da UNIJUI, doutor em Economia Internacional pela EHESS de Paris-França, coordenador, pesquisador e analista de mercado da CEEMA (FIDENE/UNIJUI).

ENDEREÇO: RUA DO COMÉRCIO, 3000 CAMPUS - PRÉDIO EPSÍLON CX. POSTAL: 560
BAIRRO UNIVERSITÁRIO - CEP: 98700-000 IJUÍ – RS - BRASIL
FONE: (55) 0**55 3332-0487 FAX: (55) 0**55 3332-0481 E-MAIL: ceema@unijui.edu.br

Cotações na Bolsa Cereais de Chicago – CBOT

	GRÃO SOJA (US\$/bushel)	FARELO SOJA (US\$/ton. curta)	ÓLEO SOJA (cents/libra peso)	TRIGO (US\$/bushel)	MILHO (US\$/bushel)
12/03/2021	14,15	396,30	56,89	6,31	5,49
15/03/2021	14,19	407,40	55,09	6,45	5,49
16/03/2021	14,23	406,10	55,09	6,47	5,54
17/03/2021	14,17	404,90	54,60	6,40	5,58
18/03/2021	13,92	398,20	53,52	6,30	5,46
Média	14,13	402,58	55,04	6,39	5,51

Bushel de soja e de trigo = 27,21 quilos

Libra peso = 0,45359 quilo

Fonte: CEEMA com base em informações da CBOT.

bushel de milho= 25,40 quilos

tonelada curta = 907,18 quilos

**Médias semanais (compra e venda)
no mercado físico brasileiro - em
praças selecionadas (em R\$/Saco)**

SOJA	Média*	
RS – Panambi	163,00	
RS – Não Me Toque	162,00	
RS – Londrina	158,50	
PR – Cascavel	158,50	
MT – C.N.Parecis	152,00	
MS – Maracaju	154,00	
GO - Rio Verde	157,00	
BA – L.E.Magalhães	158,00	
MILHO(**)		
Porto de Santos	80,00	CIF
Porto de Paranaguá	85,00	CIF
Porto de Rio Grande	S/C	
RS – Panambi	78,00	
SC – Rio do Sul	80,00	
PR – Cascavel	79,00	
PR – Londrina	79,00	
MT – C.N.Parecis	69,00	
MS – Maracaju	78,00	
SP – Itapetininga	94,00	
SP – Campinas	97,00	CIF
GO – Rio Verde	77,00	
GO – Jataí	77,00	
TRIGO (**)		
RS – Panambi	79,00	
RS – Não Me Toque	79,00	
PR – Londrina	80,00	
PR – Cascavel	80,00	

Período: 17/03/2021

S/C=Sem Cotação.

(*) Valor de compra.

(**)Preços em reais/saco.

Fonte: CEEMA com base em dados da Notícias Agrícolas.

**Média semanal dos preços recebidos
pelos produtores do Rio Grande do
Sul – 18/03/2021**

Produto	milho (saco 60 Kg)	soja (saco 60 Kg)	trigo (saco 60 Kg)
R\$	77,64	162,46	77,98

Fonte: CEEMA, com base em informações da EMATER.

Preços de outros produtos no RS

**Média semanal dos preços recebidos
pelos produtores do Rio Grande do Sul –
18/03/2021**

Produto	
Arroz em casca (saco 50 Kg)	85,52
Feijão (saco 60 Kg)	290,83
Sorgo (saco 60 Kg)	63,00
Suíno tipo carne (Kg vivo)	6,13
Leite (litro) cota-consumo (valor líquido)	1,98**
Boi gordo (Kg vivo)*	9,57

(*) compreende preços para pagamento em 10 e 20 dias

(**) Ref. Fevereiro/21 - média cf. Cepea/Esalq

ND= Não Disponível

Fonte: CEEMA, com base em informações da EMATER.

MERCADO DA SOJA

As cotações da soja em Chicago recuaram novamente nesta semana, com o fechamento desta quinta-feira (18) rompendo o piso dos US\$ 14,00/bushel e se estabelecendo, para o primeiro mês cotado, em US\$ 13,92, contra US\$ 14,15/bushel uma semana antes. A pressão da colheita sul-americana se faz sentir, apesar de algumas quebras locais até importantes, enquanto o mercado começa a precificar o aumento de área semeada nos EUA, que deverá vir no relatório de intenção de plantio do próximo dia 31/03.

Nos EUA, os embarques de soja, na semana anterior, atingiram a 518.789 toneladas, ficando dentro das expectativas do mercado. No acumulado do ano comercial, o total embarcado soma 53,1 milhões de toneladas, contra 30,5 milhões na mesma época do ano passado. O total esperado de embarques pelos EUA, neste ano 2020/21, é de 61,2 milhões de toneladas.

Por outro lado, além da entrada da safra sul-americana, as condições do rebanho suinícola chinês teriam piorado, com o surgimento de novos surtos de Peste Suína Africana em um momento que a atividade estava em recuperação. As fortes baixas nos valores do farelo de soja em Chicago, nestas últimas semanas, estariam ligadas a isso. Efetivamente, nos últimos 30 dias, até o dia 17/03, o subproduto perdeu 6,2% de seu valor naquela Bolsa, voltando a patamares que não se via desde meados de dezembro passado.

Já a Associação Nacional dos Processadores de Oleaginosas dos EUA apontou que o processamento de soja, em fevereiro, atingiu a 4,22 milhões de toneladas naquele país. O volume foi o menor em 17 meses e é 7% menor do que o registrado no mesmo mês de 2020. O total de soja esmagada pelos EUA ficou ainda abaixo das expectativas do mercado e abaixo da mínima destas projeções.

No Brasil, os preços cederam um pouco nesta semana, a partir de um recuo do câmbio, com o Real ficando ao redor de R\$ 5,50 a R\$ 5,60 por dólar. Além disso, o aumento de 0,75 pontos percentuais na taxa Selic deve levar a um processo de revalorização do Real, especialmente porque o Copom indicou que novos aumentos da Selic virão nas próximas reuniões. A tendência é que este juro básico feche 2021 em 6% e até acima disso. Em o Real se valorizando, os preços da soja em moeda nacional tendem a recuar caso Chicago permaneça estável.

Assim, nesta semana, a média gaúcha recuou para R\$ 162,46/saco (ainda sem o efeito do aumento da Selic), contra R\$ 85,11/saco um ano atrás, enquanto nas demais praças nacionais os preços oscilaram entre R\$ 152,00 em Campo Novo do Parecis (MT) e R\$ 158,50/saco no Paraná.

E isso, mesmo com preocupações quanto a possibilidade da safra brasileira vir a ser menor devido ao excesso de chuvas no Centro-Norte do país neste momento da colheita, após o atraso no plantio devido a seca. Neste sentido, a Aprosoja Brasil avança estimativa de apenas 128,6 milhões de toneladas, enquanto alguns analistas ainda mantêm estimativas ao redor de 134 milhões de toneladas (o USDA estima 134 milhões, enquanto a Conab indica 135,1 milhões de toneladas). Lembrando que na safra anterior o país colheu 124,8 milhões de toneladas.

Em termos de exportação, a Abiove projeta 84 milhões de toneladas neste ano comercial brasileiro. Obviamente, muito disso irá depender do esmagamento nacional da oleaginosa. Neste momento, a Abiove projeta 47 milhões de toneladas trituradas no atual ano comercial.

Segundo a Secex, nas duas primeiras semanas de março o Brasil exportou 5,1 milhões de toneladas de soja, com um aumento de 4% sobre o mesmo período do ano passado. Este ritmo indica que aos poucos o país vai ingressando na normalidade em termos de exportação de soja. Por enquanto, até o dia 12/03, o país havia embarcado pouco mais de 10 milhões de toneladas neste ano comercial, contra 11,6 milhões no mesmo período do ano passado. Do total até aqui exportado, 8 milhões tem por destino a China.

Enfim, a colheita, até meados de março, indicava que o país teria chegado a 53% da área total, confirmando o forte atraso na mesma em relação ao ano anterior. Já em relação a média histórica, segundo a Datagro, o atraso caiu para apenas 3,5%. O Mato Grosso teria atingido a 80% da área, o Paraná 58%, o Rio Grande do Sul 2% e o Mato Grosso do Sul pouco mais de 60%.

MERCADO DO MILHO

As cotações do milho em Chicago também recuaram nesta semana, sendo que o fechamento, para o primeiro mês cotado, ficou em US\$ 5,46/bushel na quinta-feira (18), contra US\$ 5,55 uma semana antes.

Esse comportamento se deu mesmo com as exportações estadunidenses do cereal aumentando. Na semana anterior, o volume embarcado somou 2,2 milhões de toneladas, superando as expectativas do mercado. Em todo o ano comercial as exportações somam 30 milhões de toneladas, contra pouco mais de 16 milhões no mesmo período do ano anterior. O total a ser exportado pelos EUA, em milho, no atual ano comercial 2020/21, está estimado em 66,2 milhões de toneladas.

Depois de 15 semanas, o governo estadunidense anunciou vendas de milho para a China em um total de 2,37 milhões de toneladas nesta semana. O produto é da safra 2020/21. Apesar disso, o mercado está apreensivo pelo surgimento de novos casos de Peste Suína Africana na China, fato que poderá colocar em xeque a importação de 24 milhões de toneladas do cereal, neste ano, por parte do país asiático.

Aqui no Brasil, os preços do milho se mantiveram firmes novamente, com o balcão gaúcho fechando a semana na média de R\$ 77,64/saco, contra R\$ 44,51/saco um ano atrás. Nas demais praças nacionais os preços oscilaram entre R\$ 69,00 em Campo Novo do Parecis (MT) e R\$ 94,00/saco em Itapetininga (SP). Vale registrar que o valor CIF Campinas atingiu a R\$ 97,00. Com isso, o preço do milho se aproxima dos R\$ 100,00/saco em São Paulo. Já na B3 as cotações futuras perdiam um pouco de força, trabalhando na quinta-feira (18) nos seguintes valores: maio a R\$ 94,17; julho a R\$ 89,17; setembro a R\$ 83,96; e novembro a R\$ 85,70/saco.

De forma geral, os preços internos do milho têm sido sustentados pela redução nas vendas por parte dos produtores, os quais esperam novas altas diante da baixa oferta existente. Ao mesmo tempo, os compradores pressionam para aquisição do produto buscando recompor estoques.

No Paraná, segundo o Deral, o milho safrinha já teria sido semeado em 72% da área esperada, porém, a janela ideal de plantio já se encerrou em grande parte do Estado. Assim, cerca de 30% da área de milho safrinha poderá ser plantada fora da janela ideal, fato que leva os produtores a perderem a possibilidade de adesão ao seguro rural, lidando com maiores riscos climáticos durante a safra. Já a safra de verão no Paraná estava colhida em 64% da área até o início da presente semana.

No Mato Grosso, até o dia 05/03, cerca de 88% da área esperada para a segunda safra já estaria semeada, contra 97% na média histórica para aquela data. (cf. Imea)

Em Goiás, até o dia 16/03, o plantio da safrinha chegava a apenas 50% da área prevista, contra o normal de 70%. Somente 30% das lavouras conseguiram ser plantadas dentro da janela ideal neste Estado. (cf. Ifag) Por sua vez, No Mato Grosso do Sul, a safrinha atingia a 56,5% da área no dia 12/03, contra 71,2% na média histórica para a data. Mesmo assim, espera-se um aumento de 5,7% na área plantada com a safrinha neste ano. (cf. Famasul)

Em termos de colheita da safra de verão, o Centro-Sul brasileiro chegou a 57% da área, contra 46% na média histórica. Além dos 64% no Paraná, a mesma atingia a 66% em Santa Catarina e 63% no Rio Grande do Sul. Por sua vez, o plantio do milho safrinha, no Centro-Sul brasileiro, atingia a 77,4% da área esperada no dia 12/03, contra 86,1% na média histórica. (cf. Datagro) Boa parte do plantio, em todo o Centro-Sul nacional será feito fora da janela ideal.

Neste contexto, as projeções de colheita começam a ser revistas para baixo. Segundo consultorias, a mesma deverá chegar a 80,1 milhões de toneladas, contra 81 milhões projetados anteriormente. (cf. Pátria AgroNegócios) Mesmo assim, a produção deverá ser 6% maior do que a registrada no ano anterior. Algumas consultorias e também a Conab chegam a estabelecer 82 milhões de toneladas para a safrinha. Com isso, a produção total de milho no Brasil tende a girar entre 105 e 108 milhões de toneladas neste ano.

Por outro lado, a SECEX informou que nos primeiros 10 dias úteis de março o Brasil exportou 226.383 toneladas de milho. Com isso, em março, o país embarcou 48% de tudo o que foi registrado em março de 2020. Apesar disso, a média diária exportada está 49,5% abaixo da registrada no mês de fevereiro, porém, 5,4% acima da média de março de 2020. O preço da tonelada exportada está 25,6% acima do registrado um ano antes, batendo agora em US\$ 238,70. No total do ano de 2021 esperam-se exportações ao redor de 35 milhões de toneladas, fato que manterá apertados os estoques finais brasileiros de milho.

Enfim, é importante lembrar que o atual quadro do mercado do milho coloca os criadores e as empresas integradoras em dificuldades. Hoje, com o atraso no plantio da safrinha, e diante do fato de a indústria de rações ter milho disponível até o final de maio apenas, haverá grandes dificuldades de abastecimento em junho, julho e agosto.

Portanto, a pressão altista sobre os preços internos do cereal poderá ser ainda maior neste período, especialmente no Rio Grande do Sul e Santa Catarina, onde a quebra na safra de verão chegou a 50%. Não é por nada que os frigoríficos e indústrias de ração vêm pressionando o governo federal para que isente da taxa de importação o grão que pode ser comprado nos EUA.

MERCADO DO TRIGO

As cotações do trigo em Chicago, registraram leve recuo. O fechamento da quinta-feira (18) ficou em US\$ 6,30/bushel, contra US\$ 6,36 uma semana antes.

As exportações estadunidenses do cereal, na semana encerrada em 4 de março, somaram 329.500 toneladas, ficando 4% abaixo da média das quatro últimas semanas. Já na semana seguinte o volume exportado atingiu a 683.492 toneladas, ficando acima do esperado pelo mercado. O principal comprador do trigo estadunidense tem sido o México.

Aqui no Brasil, em plena entressafra, os preços do cereal se mantêm firmes, agora com viés de alta novamente. O balcão gaúcho fechou a semana com a média de R\$ 77,98/saco, contra R\$ 44,68 um ano antes. No Paraná, o saco do produto girou ao redor de R\$ 80,00 durante a semana.

As negociações estão lentas no mercado brasileiro, com os compradores esperando o enfraquecimento do dólar diante do Real (fato que pode começar a ocorrer a partir da elevação da Selic), o que favoreceria as importações de trigo.

Quanto ao futuro plantio, graças a valorização do cereal, o custo em sacos do produto deverá ser menor neste ano. Além disso, a melhoria genética das sementes permite menores perdas para os problemas climáticos e doenças. Espera-se uma economia de 390 quilos de trigo grão por hectare para pagar o custo no Paraná, embora o aumento de 30% nos custos variáveis. (cf. Fundação ABC)

Já o Deral paranaense calcula que, mesmo com o aumento dos custos de produção na ordem de 31,5%, se a produtividade média ficar em 3.500 quilos/hectare, a redução será de 17% nos custos em sacos de trigo em relação ao ano anterior. O cenário é positivo também no Rio Grande do Sul. Segundo a Fecoagro, os custos de produção subiram 21,8% sobre 2020, porém, se os preços se mantiverem nos atuais níveis e a produtividade for normal, o produtor ainda terá lucro interessante com o cereal.

Enfim, a indústria que fabrica produtos derivados da farinha de trigo espera crescer entre 3% e 5% neste ano. Isso significaria maior demanda pelo cereal, fato que manteria os preços elevados. No entanto, o primeiro trimestre do ano não foi bom, com o recrudescimento da pandemia do Covid-19 e sem o auxílio emergencial (que deve voltar em abril, porém, para menos gente e com valor médio menor, de R\$ 250,00/pessoa). Ao mesmo tempo, os preços dependerão também da produção final que o país conseguirá neste ano, além do câmbio, que deve valorizar um pouco o Real, e seus efeitos nas importações de trigo.